

**JNT - FACIT BUSINESS AND TECHNOLOGY
JOURNAL ISSN: 2526-4281 - QUALIS B1**



**COMPORTAMENTOS DE RISCOS NA
PANDEMIA DE COVID-19 E SEUS
ASPECTOS PSICOLÓGICOS**

**RISK BEHAVIORS IN THE COVID-19
PANDEMIC AND ITS PSYCHOLOGICAL
ASPECTS**

Attilio Domingues S. e SILVA
Faculdade Católica Dom Orione (FCDO)
E-mail: attiliodominguess@gmail.com

Mariana Miranda BORGES
Faculdade Católica Dom Orione (FCDO)
E-mail:
marianaborges@catolicaorione.edu.br



RESUMO

Porque, apesar da pandemia, uma amostra da população insiste em colocar-se em risco ao não aderir às normas de contingência não farmacológicas? O objetivo dessa pesquisa é analisar os fatores psicológicos envolvidos no comportamento de risco durante a pandemia da COVID-19. O estudo foi desenvolvido por meio de uma pesquisa bibliográfica sobre a temática nas bases de dados da Scielo, BVS psicologia, LILACS e canais de comunicação do Ministério da Saúde. Foi constatado que estresse familiar e a baixa percepção de risco da doença são fatores psicológicos recorrentes por trás da evocação de comportamentos de risco por uma amostra da população, assim como baixa literacia e sensação de invulnerabilidade. Para que haja uma condução governamental eficaz, se faz necessário adicionar, ao encorpo dos dados norteadores, os fatores psicológicos que se fazem mais evidentes nesse contexto.

Palavras-chave: Comportamento de risco. Pandemia. Psicologia. Saúde Pública.

ABSTRACT

Why, despite the pandemic, does a sample of the population insist on putting itself at risk by not adhering to non-pharmacological contingency norms? The aim of this research is to analyze the psychological factors involved in risk behavior during the COVID-19 pandemic. The study was developed through a bibliographical research on the subject in the databases of Scielo, BVS psychology, LILACS and communication channels of the Ministry of Health. It was found that family stress and low risk perception of the disease are recurrent psychological factors behind the evocation of risk behaviors by a sample of the population, as well as low literacy and a feeling of invulnerability. In order for there to be effective government management, it is necessary to add, to the body of guiding data, the psychological factors that are more evident in this context.

Keywords: Risk behavior. Pandemic. Psychology. Public health.

INTRODUÇÃO

Dezembro de 2019 houve a primeira notificação à OMS sobre uma disseminação de uma nova doença semelhante à pneumonia, cuja fisiopatologia ainda era desconhecida. Os

laboratórios chineses foram os primeiros a estudarem os casos e identificaram uma classe de agentes infecciosos chamada coronavírus. As cepas desse vírus são responsáveis por uma série de surtos de doenças infecciosas em humanos, incluindo SARS em 2002–2003 e síndrome respiratória do Oriente Médio (MERS) em 2012 (WU, 2021). Em fevereiro de 2020, após uma reunião do Comitê de Emergência da OMS com as autoridades chinesas, o curso da disseminação da doença já havia sido catalogado como pandemia, presente em 54 países, com 6 mil casos confirmados e 83 óbitos (CRODA, 2020).

O primeiro caso notificado no Brasil pelo SUS foi no dia 26 de fevereiro de 2020 (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020). Diante disso, no Brasil, o Centro de Operações de Emergência (COE) do Ministério da Saúde estabeleceu no dia 27 de janeiro de 2020 o primeiro plano de contingência da covid-19. Em 3 de fevereiro a epidemia foi declarada Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional.

O "Plano Nacional de Emergência de Infecção Humana", publicado pelo Ministério da Saúde no início de 2020, tem como objetivo definir o nível de resposta e estrutura de comando em cada fase da pandemia. A partir de então, foi estabelecido uma série de normas que regeriam os órgãos públicos e privados em prol do freamento da corrente pandemia. Dentre as principais resoluções deliberadas pelo MS está o incentivo aos governos estaduais e municipais à elaboração de medidas restritivas que impactaram os setores público e privado com o intuito de prevenção, controle e redução de novas infecções humanas do novo coronavírus (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020).

Com o crescimento do número de infectados no Brasil, as autoridades governamentais emitiram diversos planos com medidas preventivas, sendo que estes diferenciam de acordo com cada região do país, nível de governo e esfera administrativa. Essas medidas se subdividiram em três grandes grupos: as recomendações e/ou determinações de distanciamento social e higiênicas; ampliação da capacidade de atendimento da saúde pública; formas de auxílio econômico as empresas, famílias e cidadãos (PIRES, 2020).

Nesse contexto, mesmo com a constante propagação nas mídias dessas medidas de seguranças, incluindo o pronunciamento de órgãos competentes acerca da importância dessas medidas, e com aplicação de multas - em alguns casos - se houvesse o descumprimentos das mesmas; uma amostra da população não acatou as diretrizes de enfrentamento, colocando em risco a sua saúde e a de terceiros (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020; PARANÁ, 2021; MATO GROSSO DO SUL, 2021). A esse modo desajustado de agir, a comunidade científica denomina como *comportamento de risco*, que

“[...] podem ser definidos como aqueles que são potencialmente capazes de ameaçar a saúde física ou mental, tanto no presente como no futuro” (ZAPPE et al, 2018, p. 80).

É de consenso científico que as medidas de contingências não farmacológicas (uso de máscara, isolamento social e limpeza das mãos) são essenciais, mas não foram obedecidas por boa parte da população. Sendo assim, a questão levantada é, quais os fatores psicológicos potencializadores desses *comportamentos de risco* no curso da pandemia de covid-19 no Brasil?

Tendo em vista a importância desses eventos relativamente novos, dados acerca dos comportamentos de risco nesse contexto são escassos e grande parte ainda estão em validação. A partir do aumento significativo da compreensão acerca dos comportamentos de riscos, teremos um crescimento proporcional de medidas mais assertivas por parte dos órgãos competentes. Isso se justifica pelo fato da análise dessas tendências comportamentais fornecer dados para produção de medidas de contingências mais eficazes. É nessa perspectiva que se evidencia a importância deste trabalho, ao passo que este se propõe a estudar as minúcias desses fenômenos.

Deste modo, além de medidas de contingências não farmacológicas mais eficazes, é de se esperar que a clareza e a obtenção de dados ocasione menores gastos públicos na área da saúde. Além disso, os interesses deste trabalho vão ao encontro das responsabilidades sociais da psicologia enquanto área de conhecimento, contribuindo voluntariamente para a sociedade e para o meio ambiente, levando a uma melhoria no modo ético de pensar e agir nas relações.

Dessa forma, tem-se como objetivo desenvolver uma pesquisa exploratória a fim de identificar fatores psicológicos por trás de comportamentos de risco e de não adesão às orientações profissionais de prevenção à contaminação pelo novo coronavírus. Além disso, pretende-se compreender os riscos e efeitos relacionados a essa natureza de comportamento. Dessa forma, este estudo pretende fornecer dados que coadunam em uma melhor compreensão de um fenômeno psicossocial ainda novo no Brasil, bem como incentivar pesquisas a respeito.

A pesquisa desenvolvida é de caráter exploratório e qualitativa, com base no processo de revisão bibliográfica de trabalhos já publicados (SOUSA, OLIVEIRA e ALVES, 2021). Os dados coletados apontam para uma relação do comportamento de risco com alguns fatores psicológicos, tais como estresse no contexto familiar, baixa percepção de risco de contágio e letalidade da doença e piora na qualidade do sono durante a pandemia.

REFERENCIAL TEÓRICO

A fundamentação teórica a seguir busca proporcionar ao leitor as lentes a partir da qual será realizada a análise dos dados obtidos através da revisão literária. Para tanto, o referencial teórico foi estruturado em três tópicos, a saber: (1) apanhado geral da pandemia, (2) saúde mental no contexto pandêmico e (3) comportamento de risco para covid-19.

Histórico da Pandemia da COVID-19

De acordo com o Instituto Butantan (2021), uma pandemia se estabelece quando uma enfermidade atinge níveis globais. Ou seja, quando um determinado agente ultrapassa as fronteiras de um país e passa a se encontrar em todos os continentes, afetando a vida de milhares de pessoas em um curto espaço de tempo.

Os primeiros casos de Sars-Cov-2 foram relatados no final do ano de 2019, na China e alguns meses depois a enfermidade já era registrada fora do país. Em decorrência da progressão epidemiológica dos contágios, o diretor geral da Organização Mundial de Saúde (OMS), Tedros Adhanom, declarou no dia 11 de março de 2020 que a organização elevou o estado da contaminação à pandemia de Covid-19 (UNA SUS, 2020). Eram mais de 80 mil casos confirmados só na China e aproximadamente 3 mil óbitos. Além das fronteiras chinesas, o novo coronavírus já estava em outros 53 países, com 6 mil casos confirmados e 83 óbitos (CRODA, 2020).

Diante o contexto mundial, no Brasil, o Centro de Operações de Emergência (COE) do Ministério da Saúde estabeleceu no dia 27 de janeiro de 2020 o primeiro plano de contingência da covid-19. Em 3 de fevereiro a epidemia foi declarada Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional (ESPIN). O primeiro caso notificado no Brasil pelo SUS foi no dia 26 de fevereiro de 2020 (MS, 2020).

As mazelas decorrentes pela pandemia de covid-19 no Brasil levaram as autoridades governamentais a emitir diversos planos com medidas preventivas, a fim de frear o avanço dos contágios e evitar que a população se exponha a riscos à saúde. Os planos e as medidas se diferenciavam de acordo com a região do país, nível de governo e esfera administrativa. Essas medidas foram compostas de rigorosas recomendações e/ou determinações de distanciamento social e higiênicas (PIRES, 2020).

As principais medidas sanitárias determinadas por Lei (Lei n. 13.979, de 6 de fevereiro de 2020) com o objetivo de evitar a propagação do novo coronavírus consiste no

isolamento social, separação de pessoas infectadas de pessoas não infectadas, restrição de determinadas atividades consideradas não essenciais e uso de mecanismos de higiene constantes.

Por conta da sua dimensão, uma pandemia tem a capacidade de impactar diretamente o estilo de vida - hábitos, rotinas e trabalho, por exemplo - de milhões de pessoas, levando-as a adotarem novas condutas no seu dia a dia. No Brasil, esse fenômeno foi evidenciado através de um estudo (MALTA et al, 2020) que buscou analisar as mudanças no estilo de vida de pessoas adultas. Como já se esperava, os resultados não foram os melhores. Ao analisar os dados de 45.161 indivíduos com 18 ou mais anos de idade, os pesquisadores constataram um aumento de comportamentos prejudiciais à saúde na maioria dos participantes e um aumento considerável de comportamentos de risco à vida.

Saúde Mental no Contexto Pandêmico

Diante disso, é de se esperar impactos consideráveis à qualidade de vida e à saúde mental coletiva. Uma pesquisa transversal desenvolvida no Brasil durante a pandemia (BARROS, 2020) constatou aumentos significativos de episódios de depressão, ansiedade, problemas com sono e tristeza. A pesquisa ainda evidenciou que adultos jovens, mulheres e pessoas com histórico de depressão foram as mais afetadas.

As rupturas no estilo de vida, distanciamento físico e afetivo, morte de pessoas próximas, uma lista extensa de fatores contribuíram para o quadro de adoecimento mental coletivo. Uma revisão bibliográfica integrativa apontou o isolamento social como o principal fator desencadeador de adoecimento mental (FOGAÇA, 2021), levando uma parcela da população a descumpri-lo e a colocar-se em risco de contágio.

A fim de orientar a população com informações importantes acerca da pandemia, o Centro de Estudos e Pesquisas em Emergências e Desastres em Saúde (Cepedes/Fiocruz) da Fiocruz desenvolveu cartilhas acerca da Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia de covid-19 (2020). Em uma das cartilhas, intitulada Recomendações Gerais (FIOCRUZ, 2020), foi apresentada uma lista de fatores que contribuíram para o adoecimento mental na pandemia, sendo eles:

Medo de:

- Adoecer e morrer;
- Perder as pessoas que amamos;

- Perder os meios de subsistência ou não poder trabalhar durante o isolamento e ser demitido;
- Ser excluído socialmente por estar associado à doença;
- Ser separado de entes queridos e de cuidadores devido ao regime de quarentena;
- Não receber um suporte financeiro;
- Transmitir o vírus a outras pessoas.

É esperado também a sensação recorrente de:

- Impotência perante os acontecimentos;
- Irritabilidade;
- Angústia;
- Tristeza.

Em caso de isolamento pode-se intensificar os sentimentos de desamparo, tédio, solidão e tristeza.

Entre as reações comportamentais mais comuns estão:

- Alterações ou distúrbios de apetite (falta de apetite ou apetite em excesso);
- Alterações ou distúrbios do sono (insônia, dificuldade para dormir ou sono em excesso, pesadelos recorrentes);
- Conflitos interpessoais (com familiares, equipes de trabalho...);
- Violência. Como profissionais de saúde, é preciso estar particularmente atento ao aumento da violência doméstica e da violência direcionada aos profissionais de saúde;
- Pensamentos recorrentes sobre a epidemia;
- Pensamentos recorrentes sobre a saúde da nossa família;
- Pensamentos recorrentes relacionados à morte e ao morrer (FIOCRUZ, 2020, pp. 3-4).

Além de serem focos de adoecimento mental, esses fatores de ordem psicológica contribuem diretamente para a evocação de comportamentos arriscados e disfuncionais; como a violação de normas sanitárias no convívio social.

Comportamento de Risco para COVID-19

De modo geral, o comportamento de risco pode ser definido como a “participação em atividades que possam comprometer a saúde física e mental do indivíduo, no presente ou no futuro” (FEIJÓ e OLIVEIRA, 2001, p. 1). Esses tipos de comportamentos podem ser resultantes do caráter exploratório pessoal, muito comum na fase jovem, mas também podem ser fruto de uma influência social. Um fator comum dessa classe de comportamento está no potencial de gerar risco em níveis sociais, familiar e/ou individual.

Os comportamentos de risco, de forma geral, estão associados às principais causas de morte da faixa-etária adulto jovem. Nos Estados Unidos, as autoridades governamentais monitoram anualmente esses comportamentos por meio do Sistema de Vigilância do Comportamento de Risco da Juventude, desenvolvido em 1991. Um dos instrumentos que

proporcionam esse monitoramento é o questionário Youth Risk Behavior Survey (YRBS), versão 2007, destinado a avaliação dos índices de comportamentos de risco (BRENER et al, 2013). Esses comportamentos são divididos em algumas categorias, tais como:

- 1) comportamentos que contribuem para lesões não intencionais e violência;
- 2) comportamentos sexuais que contribuem para a infecção pelo vírus da imunodeficiência humana (HIV), outras doenças sexualmente transmissíveis e gravidez indesejada;
- 3) uso de tabaco;
- 4) uso de álcool e outras drogas;
- 5) comportamentos alimentares não saudáveis;
- e 6) inatividade física (BRENER et al, 2013, p. 1).

No Brasil, a tradução e adaptação transcultural do questionário YRBS foi aprovada e obteve resultados satisfatórios (GUEDES e LOPES, 2010).

Dessa forma, o *comportamento de risco na pandemia de covid-19* é todo aquele comportamento potencialmente capaz de comprometer à saúde física e mental de um indivíduo ou grupos por meio de contágios ou disseminação, podendo ocasionar a morte. Um aspecto em comum desses comportamentos está no desacordo com a legislação vigente (LEI Nº 13.979, 2020) e com as medidas não farmacológicas de prevenção a covid-19. De modo mais específico, podemos citar como comportamentos de risco na pandemia de covid-19 a quebra do isolamento, a não adesão da quarentena, o não uso de máscaras de proteção individual, dificuldades na aceitação de medidas profiláticas (uso de álcool em gel e limpeza das mãos), além de participação e incentivo à aglomerações.

METODOLOGIA

A fim de atender as questões levantadas na problemática deste trabalho, foi delimitado moldes metodológicos que nortearam o processo de pesquisa, sendo eles: pesquisa de caráter qualitativo e exploratória, sendo a revisão bibliográfica o procedimento técnico base de coleta de dados.

Natureza da Pesquisa

Uma vez que a proposta deste estudo se baseia na melhor compreensão de um determinado fenômeno psicossocial sem a necessidade de mensurar ou submetê-lo a escalas, logo, podemos definir que sua natureza é de caráter qualitativa (GODOY, 1995). Além disso, a compreensão não diretiva, sem intervenção do pesquisador no fenômeno observado, é característico dessa natureza de pesquisa (POUPART et al, 2008) e fez parte da proposta metodológica deste trabalho.

Por se tratar de fenômenos ainda novos, os objetivos desta pesquisa giraram em torno da identificação, compreensão e relação dos fatores psicológicos motivadores de comportamento de risco. Logo, todo procedimento da pesquisa assume um caráter de objetivo *exploratório*, que segundo Piovesan e Temporini (1995, p. 1) faz com que uma “situação de pouco ou nenhum conhecimento do Universo de Respostas, alcance a condição de um conhecimento qualitativo autêntico desse mesmo universo”.

Selltiz, Wrightsman e Cook (1987) concluem que essa proposta de pesquisa é naturalmente associada à técnicas de pesquisa qualitativa, fundamentadas na coleta de dados a partir de observações, revisão bibliográfica ou questionários. Esse processo metodológico parte do princípio que o desenvolvimento de bases teóricas acerca da temática parte dos dados coletados e abstraídos da exploração (PIOVESAN E TEMPORINI, 1995), processo de pesquisa conhecido como indutivo.

Procedimentos

Para atender as demandas dessa natureza de pesquisa, foi adotada a revisão bibliográfica como processo metodológico de investigação, que segundo Lima e Mioto (2007, p. 4) “[...] possibilita um amplo alcance de informações, além de permitir a utilização de dados dispersos em inúmeras publicações, auxiliando também na construção, ou na melhor definição do quadro conceitual que envolve o objeto de estudo proposto”.

Ou seja, a revisão bibliográfica nada mais é do que buscar dados acerca do objeto de estudo em obras relevantes já publicadas, a fim de melhor conhecê-lo e possibilitar o desenvolvimento de novos constructos teóricos sobre a temática (DE SOUSA, DE OLIVEIRA e ALVES, 2021). Além disso, esse processo metodológico é um critério fundamental para produção científica de forma geral, mas também pode vir a ser o processo base de coleta de dados de uma pesquisa como um todo. No âmbito acadêmico esse procedimento metodológico configura-se como a principal ferramenta de introdução a iniciação científica, tornando-se um dos primeiros passos para os projetos acadêmicos.

Lima e Mioto (2007) enfatizam que esse modelo de pesquisa deve obedecer a um roteiro de investigação, normalmente iniciado pelo (1) levantamento dos materiais bibliográficos, (2) teste e agrupamento das informações levantadas e (3) especificação das informações relevantes. Para isso, o levantamento de dados em trabalhos já publicados ocorreu através das seguintes plataformas: Scielo, Lilacs, BVS Psicologia, canais de comunicação do ministério da saúde e Plataforma Covid.

A fim de delimitar o processo de pesquisa de modo que contemple os interesses da temática, foram especificados alguns termos descritivos, que são as palavras-chaves adicionadas no campo de busca das plataformas de pesquisa, além de filtros relacionados ao local de publicação, ano e área de conhecimento. Dentro dos termos descritivos definiu-se “comportamento de risco” e “pandemia” como palavras chaves. Por meio desses termos descritivos, foram localizados mais de 2 mil trabalhos, em todas as plataformas, que faziam menções à temática, tornando a pesquisa exploratória mais lenta e complexa por conta do alto volume de publicações.

Por isso, foram delimitados alguns filtros pelos quais os textos seriam selecionados para análise. Dessa forma os trabalhos qualificados são restritos aos anos de 2019 a 2021 (período da pandemia), que tenham sido publicados no Brasil e que pertençam à área da saúde pública. A partir de então, pôde ser localizados um total de 30 publicações em todas as plataformas, 27 trabalhos na plataforma Scielo e 3 trabalhos na BVS psicologia.

Os dados coletados a partir da leitura dos textos foram agrupados em uma tabela, a fim de expor os principais achados relacionados aos comportamentos de risco e fatores psicológicos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tabela 1 - Fatores psicológicos e consequências encontradas no processo investigativo.

Fonte	Tipo de pesquisa	Fatores Psicológicos	Consequência
BEZERRA et al, 2020.	Estudo transversal (questionário).	Estresse familiar;	Menor tempo em isolamento;
BEZERRA et al, 2020, p. 7.	Estudo transversal (questionário).	Estresse devido a alteração no sono;	Menor tempo em isolamento;
BEZERRA et al, 2020.	Estudo transversal (questionário).	Níveis de medo de ser infectados;	Fator determinante para a adoção da quarentena;
MALTA, Deborah Carvalho et al, 2021,p. 1.	Inquérito virtual de saúde na pandemia.	Alteração no sono, sentir-se isolado, humor deprimido, ansioso e pior avaliação saúde;	O aumento do consumo de cigarros;
JUSTO-HENRIQUES, 2020, p. 302.	Revisão bibliográfica	Percepção do risco, percepção de maior severidade da doença e maior nível de ansiedade;	Adoção ou resistência a comportamentos preventivos;
JUSTO-HENRIQUES, 2020, p. 302-303.	Revisão bibliográfica.	Maior literacia, maior percepção de risco e ansiedade moderado;	Maior índice de prevenção.

LIMA et al, 2020, p. 9.	Estudo transversal (Questionário)	Perceber-se como invulnerável;	Menor cuidado e maior exposição à riscos;
LIMA et al, 2020, p. 9.	Estudo transversal (Questionário)	Sistema de crenças disfuncionais;	Maior evocação de comportamento de risco;
MALTA et al, 2020, p. 9 - 10.	Estudo transversal (questionário).	Estresse, tristeza, ansioso, medo relativo ao futuro, insegurança no emprego e risco de morte;	Aumento do consumo de bebida alcoólica durante a pandemia;
LINDEMANN et al, 2021, p.. 9.	Estudo transversal (questionário).	Medo de contaminação durante a pandemia;	Fator determinante para a adesão de medidas de prevenção na população.

Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2022).

Medo de Ser Infectado

O medo de ser infectado, junto da *percepção de risco*, foram os fatores psicológicos mais relacionados à evocação de comportamentos preventivos ou de risco, citados em 16,6% e 13,3% dos artigos analisados, respectivamente. Uma pesquisa realizada no Rio Grande do Sul (LINDEMANN, 2021) constatou que a maior parte da amostra (67,7%) dos participantes apresentavam níveis elevados de medo e, conseqüentemente, maiores índices de comportamentos preventivos.

Aaron Beck e Paulo Knapp (2008), propulsores da psicologia cognitiva-comportamental, fundamentam sua abordagem sobre a premissa de que o comportamento humano é mediado por um sistema de crenças, reações emocionais e uma série de outros elementos cognitivos, como a percepção. Nesse sentido, a percepção (elemento cognitivo) e o medo (reação emocional) formam um conjunto de elementos psicológicos importantes para a manutenção de comportamentos de risco, segundo os dados da pesquisa.

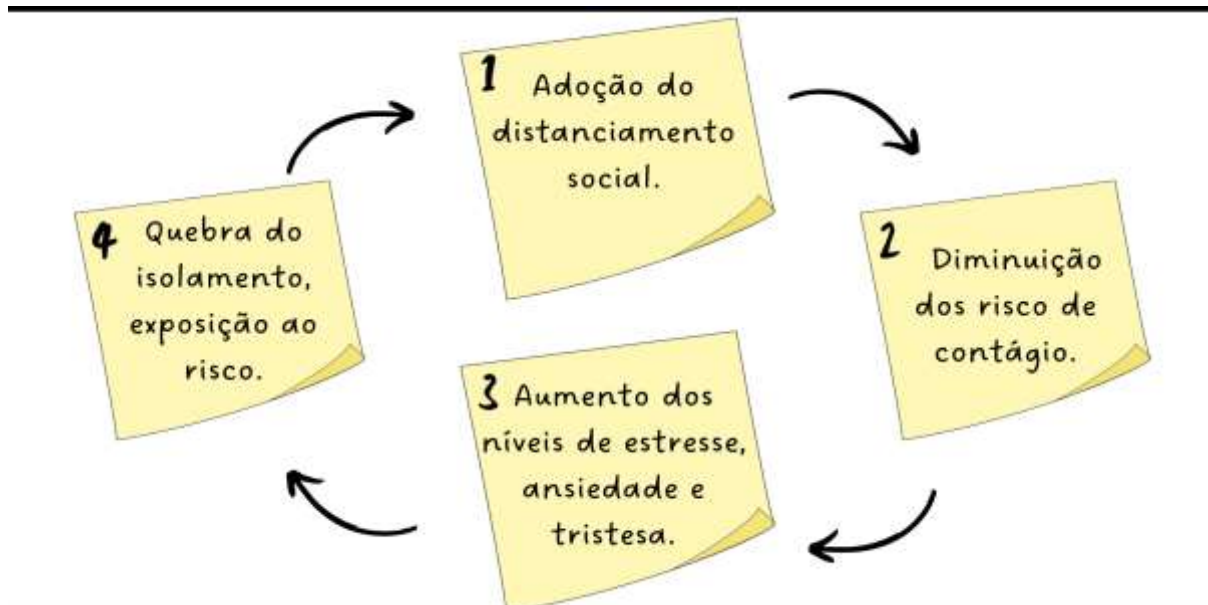
Fatores Psicológicos

Nesse sentido, podemos identificar um paradoxo interessante observado a partir da exploração bibliográfica. Com o objetivo de preservação da saúde, a maior parte da população aderiu e defendeu as medidas de prevenção não farmacológicas. Em decorrência disso, a população preservou sua saúde física e resistiu aos níveis de contágio.

Todavia, a saúde que deveria ser preservada foi diretamente impactada por outro lado, como consequência da adesão da quarentena e distanciamento social. Estresse familiar, alteração no sono, humor deprimido e maiores índices de ansiedade foram fatores recorrentes durante o período de isolamento social (BEZERRA et al, 2020; MALTA,

Deborah Carvalho et al, 2021; MALTA, Deborah Carvalho et al, 2020) que, por outro lado, comprometeu a saúde psicológica e física de uma parte da população. É nesse sentido que se instala o paradoxo, na medida em que se estabelece uma contradição dessa natureza.

Figura 1 - O paradoxo.



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2022).

Aspectos Sociodemográficos

A partir da leitura sistemática das fontes bibliográficas, podemos identificar alguns aspectos sociodemográficos recorrentes no período durante a pandemia. Em níveis demográficos, homens da faixa etária adulto-jovem são os responsáveis pela emissão de comportamentos de risco com maior frequência (JUSTO-HENRIQUES, 2020).

Em níveis sociais, pode-se analisar comportamentos de risco relacionados ao aumento do uso de álcool e cigarro, aumento dos níveis de sedentarismo, quebra do isolamento social, não adesão à quarentena, dentre outros. Todavia, conseguimos identificar dois principais grupos de comportamentos de risco comumente evocados durante a pandemia, são eles: (1) comportamentos de risco relacionados à não adesão às orientações profissionais de prevenção à contaminação pelo novo coronavírus e (2) uso de álcool e outras drogas, com ênfase no cigarro.

O comportamento de risco mais recorrente durante o processo investigativo foi a *não adesão do isolamento ou quarentena* durante o curso da pandemia. Esse comportamento foi citado em 13,3% das fontes analisadas e este fenômeno está relacionado, principalmente, com

níveis altos de estresse e menor percepção de risco (BEZERRA et al, 2020; LIMA et al, 2020; LINDEMANN et al, 2021).

Pesquisadores (PERSON et al, 2021; SCHUCHMANN et al, 2020) evidenciaram que o distanciamento social, apesar de ser um método antigo de enfrentamento à pandemias, continuam desencadeando menores níveis de mortalidade e contágio quando bem aderido pela população. Dados precisos acerca dos índices de aglomerações e quebra do distanciamento social não foram identificados, mas sabe-se que esse fenômeno ocorreu com frequência no Brasil por parte de uma amostra da população e influenciou diretamente os níveis de contágio.

Outra descoberta relevante como cerne da questão foi o aumento considerável de álcool e cigarro pontuados em 13,3% dos artigos analisados. Pesquisas relacionam o tabagismo como o pior prognóstico para covid-19, resultados adversos no quadro da doença e maior necessidade de internação em centros de terapia intensiva (MALTA et al, 2021). Nesse sentido, além do tabagismo ser considerado um comportamento de risco relacionado com a maior causa evitável de morte do mundo (MUAKAD, 2014), também desencadeia riscos específicos para o quadro de covid-19.

Além disso, um grupo de pesquisadores (MALTA et al, 2020) evidenciaram que os índices de consumo de álcool na população adulto-jovem subiram consideravelmente e esse fator estava relacionado, principalmente, à complicações emocionais decorrentes da pandemia. O consumo de álcool, assim como o tabagismo, além de estarem classificados como comportamentos de risco, também contribuem para um pior prognóstico do quadro de covid-19, fenômenos cujas autoridades governamentais devem se ater no curso da pandemia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Optar pelo risco no contexto pandêmico, é um comportamento complexo e multifatorial, e muitas vezes evocado de maneira inconsciente. Todavia, para que se faça uma boa análise desse fenômeno é necessário que se leve em consideração os fatores psicológicos, como fora proposto no presente estudo. Podemos concluir que, a partir dos dados explorados, o objetivo da pesquisa foi alcançado com minúcias de detalhes.

Por se tratar de um fenômeno novo no Brasil, a pandemia de forma geral levantou espaços para discussões teóricas e metodológicas em alguns casos, divergentes entre órgãos dos setores públicos e privados. Por um lado, se defendia o isolamento social em detrimento do uso de medicamentos com pouca ou nenhuma eficácia comprovada, ou vice e versa. Mas se existe algo em comum entre os posicionamentos divergentes, pode-se afirmar que a escassez de dados é sem dúvidas a principal.

Nesse sentido, para que haja medidas governamentais eficazes e posicionamentos técnicos científicos éticos, é necessário dar importância aos fatores psicológicos por trás dos comportamentos de risco. Além disso, apesar de todos os avanços, as medidas comportamentais - isolamento e distanciamento social - são as mais relevantes para frear a disseminação do vírus. Todavia, a pesquisa ressalta que essas medidas também são responsáveis por desencadear maiores níveis de estresse em uma amostra da população.

REFERÊNCIAS

BARROS, Marilisa Berti de Azevedo et al. **Relato de tristeza/depressão, nervosismo/ansiedade e problemas de sono na população adulta brasileira durante a pandemia de COVID-19.** Epidemiologia e Serviços de Saúde, v. 29, p. e2020427, 2020.

BEZERRA, Anselmo César Vasconcelos et al. **Fatores associados ao comportamento da população durante o isolamento social na pandemia de COVID-19.** Ciência & Saúde Coletiva, v. 25, p. 2411-2421, 2020.

BRENER, Nancy D. et al. **Methodology of the youth risk behavior surveillance system—2013.** Morbidity and Mortality Weekly Report: Recommendations and Reports, v. 62, n. 1, p. 1-20, 2013.

BOLSONARO, JAIR MESSIAS et al. **Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020.** 2020.

BRENER, Nancy D. et al. **Methodology of the youth risk behavior surveillance system—2013.** Morbidity and Mortality Weekly Report: Recommendations and Reports, v. 62, n. 1, p. 1-20, 2013.

CRODA, Julio Henrique Rosa; GARCIA, Leila Posenato. **Resposta imediata da Vigilância em Saúde à epidemia da COVID-19.** 2020.

DE LIMA, Kenio Costa; DE ALMEIDA MEDEIROS, Arthur; BARBOSA, Isabelle Ribeiro. **Análise da tendência de casos e óbitos por Coronavírus Disease-2019 (COVID-19) nos principais países afetados e no Brasil: uma análise dos primeiros 50 dias da pandemia.** Journal of Health & Biological Sciences, v. 8, n. 1, p. 1-5, 2020.

DE SOUSA, Angélica Silva; DE OLIVEIRA, Guilherme Saramago; ALVES, Laís Hilário. **A Pesquisa Bibliográfica: Princípios e Fundamentos.** Cadernos da FUCAMP, v. 20, n. 43, 2021.

FEIJÓ, Ricardo Becker; OLIVEIRA, Ércio Amaro de. **Comportamento de risco na adolescência.** Jornal de pediatria. Porto Alegre. Vol. 77, supl. 2 (nov. 2001), p. S125-S134, 2001.

FIOCRUZ - FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia de Covid-2019:** a quarentena na Covid- 2019, orientações e estratégias de cuidado, 2020. Disponível em:

Atílio Domingues S. e SILVA; Mariana Miranda BORGES. Comportamentos de Riscos na Pandemia de Covid-19 e Seus Aspectos Psicológicos. JNT- Facit Business and Technology Journal. QUALIS B1. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculdefacit.edu.br>. E-mail: jnt@faculdefacit.edu.br. 2022. Fevereiro. Fluxo Contínuo. Ed. 34. V. 1. Págs. 31-46.

https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos/cartilha_recomendacoes_gerais_06_04.pdf. Acesso em: 09 ago. 2020.

FOGAÇA, Priscila Carvalho; AROSSI, Guilherme Anzilero; HIRDES, Alice. **Impacto do isolamento social ocasionado pela pandemia COVID-19 sobre a saúde mental da população em geral: Uma revisão integrativa**. Research, Society and Development, v. 10, n. 4, p. e52010414411-e52010414411, 2021.

GODOY, Arlida Schmidt. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. Revista de administração de empresas, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

GOVERNO DO PARANÁ. **Canal online para denúncias de baladas clandestinas já recebeu 434 registros**. Agência de Notícias do Paraná. 2020. Disponível em: <https://www.aen.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=112903>. Acesso em: 8 set. 2021.

GUEDES, Dartagnan Pinto; LOPES, Cynthia Correa. **Validação da versão brasileira do youth risk behavior survey 2007**. Revista de Saúde Pública, v. 44, p. 840-850, 2010.

INSTITUTO BUTANTAN. **Entenda o que é uma pandemia e as diferenças entre surto, epidemia e endemia**. São Paulo, 5 jul. 2021. Disponível em: <https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida/tira-duvida-noticias/entenda-o-que-e-uma-pandemia-e-as-diferencas-entre-surto-epidemia-e-endemia>. Acesso em: 13 out. 2021.

JUSTO-HENRIQUES, Susana. **Contributo da psicologia da saúde na promoção de comportamentos salutogênicos em pandemia**. Psicologia, Saúde & Doenças, v. 21, n. 2, p. 297-310, 2020.

KNAPP, Paulo; BECK, Aaron T. **Fundamentos, modelos conceituais, aplicações e pesquisa da terapia cognitiva**. Brazilian Journal of Psychiatry, v. 30, p. s54-s64, 2008.

LIMA, Danilo Lopes Ferreira et al. **COVID-19 no estado do Ceará, Brasil: comportamentos e crenças na chegada da pandemia**. Ciência & Saúde Coletiva, v. 25, p. 1575-1586, 2020.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamaso. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica**. Revista Katálysis, v. 10, p. 37-45, 2007

LINDEMANN, Ivana Loraine et al. **Percepção do medo de ser contaminado pelo novo coronavírus**. Jornal Brasileiro de Psiquiatria, v. 70, p. 3-11, 2021.

MALTA, Deborah Carvalho et al. **A pandemia da COVID-19 e as mudanças no estilo de vida dos brasileiros adultos: um estudo transversal, 2020**. Epidemiologia e Serviços de Saúde, v. 29, 2020.

MALTA, Deborah Carvalho et al. **Fatores associados ao aumento do consumo de cigarros durante a pandemia da COVID-19 na população brasileira**. Cadernos de Saúde Pública, v. 37, 2021.

Atílio Domingues S. e SILVA; Mariana Miranda BORGES. **Comportamentos de Riscos na Pandemia de Covid-19 e Seus Aspectos Psicológicos**. JNT- Facit Business and Technology Journal. QUALIS B1. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculadefacit.edu.br>. E-mail: jnt@faculadefacit.edu.br. 2022. Fevereiro. Fluxo Contínuo. Ed. 34. V. 1. Págs. 31-46.

MATO GROSSO DO SUL. **Aglomeracões continuam e comprometem o sistema de saúde de MS na pandemia.** Governo do estado do Mato Grosso do Sul. 2021. Disponível em: <http://www.ms.gov.br/aglomeracoes-continuam-e-comprometem-o-sistema-de-saude-de-ms-na-pandemia/>. Acesso em: 8 set. 2021.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (BR). Centro de Operações de Emergências em Saúde Pública COE-COVID-19. **Plano de contingência nacional para infecção humana pelo novo coronavírus COVID-19.** Brasília: Ministério da Saúde; 2020, 24 p. Disponível em: <https://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2020/fevereiro/13/plano-contingencia-coronavirus-COVID19.pdf> Acessado em: 26 de maio de 2020.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Pesquisa identifica comportamentos de risco e proteção para a COVID-19.** Governo Federal. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/pesquisa-identifica-comportamentos-de-risco-e-protecao-para-a-covid-19>. Acesso em: 8 set. 2021.

MUAKAD, Irene Batista. **Tabagismo:** maior causa evitável de morte do mundo. Revista da Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, v. 109, p. 527-558, 2014.

PERSON, Osmar Clayton et al. **O que se sabe sobre a eficácia do distanciamento social, lockdown e uso de máscaras faciais para COVID19?** Scoping review. Diagn. tratamento, p. 130-6, 2021.

PIOVESAN, Armando; TEMPORINI, Edméa Rita. **Pesquisa exploratória:** procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública. Revista de saúde pública, v. 29, p. 318-325, 1995.

PIRES, Roberto Rocha Coelho. **Os efeitos sobre grupos sociais e territórios vulnerabilizados das medidas de enfrentamento à crise sanitária da COVID-19:** propostas para o aperfeiçoamento da ação pública. 2020.

POUPART, Jean et al. **A pesquisa qualitativa:** Enfoques epistemológicos e metodológicos. v. 2, 2008.

SCHUCHMANN, Alexandra Zanella et al. **Isolamento social vertical X Isolamento social horizontal:** os dilemas sanitários e sociais no enfrentamento da pandemia de COVID-19. Brazilian Journal of Health Review, v. 3, n. 2, p. 3556-3576, 2020.

SELLTIZ, C.; WRIGHTSMAN, L.; COOK, S. **Métodos de pesquisa nas relações sociais: delineamentos de pesquisa.** São Paulo: E.P.U., 1987.

UNA SUS. **A Organização Mundial de Saúde declara pandemia do novo Coronavírus.** UNA SUS, Brasil, p. 1, 11 mar. 2020. Disponível em: <https://www.unasus.gov.br/noticia/organizacao-mundial-de-saude-declara-pandemia-de-coronavirus>. Acesso em: 13 out. 2021.

WU, Fan et al. **Um novo coronavírus associado a doenças respiratórias humanas na China.** Nature, 2020. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41586-020-2008-3#citeas>. Acesso em: 25 de maio de 2021.

Atílio Domingues S. e SILVA; Mariana Miranda BORGES. Comportamentos de Riscos na Pandemia de Covid-19 e Seus Aspectos Psicológicos. JNT- Facit Business and Technology Journal. QUALIS B1. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculadefacit.edu.br>. E-mail: jnt@faculadefacit.edu.br. 2022. Fevereiro. Fluxo Contínuo. Ed. 34. V. 1. Págs. 31-46.

ZAPPE, Jana Gonçalves; ALVES, Cássia Ferrazza; DELL AGLIO, Débora Dalbosco. **Comportamentos de risco na adolescência: revisão sistemática de estudos empíricos.** Psicologia em Revista, v. 24, n. 1, p. 79-100, 2018.